

INFORMAÇÕES

Não há atendimento no Cartório: Na 2.^a feira, dia 12, das 19 às 20 h. e na 4.^a feira, dia 14, das 15 às 16 h., por o pároco ter outros compromissos.

Encerramento da Semana da Diocese:

Este ano, por motivo da ausência do nosso Bispo, D. José Augusto, em Roma, em visita ao Santo Padre, a Semana da Diocese foi alargada. Terminará no próximo domingo, dia 18, às 15 h., com a habitual Concelebração Eucarística, na Sé de Viana do Castelo, na qual um membro do Conselho Paroquial para os Assuntos Económicos ou outra pessoa escolhida para o efeito, irá representar a nossa paróquia no Ofertório Solene, entregando nas mãos do nosso Bispo o resultado do Ofertório para a Diocese.

Na véspera, dia 17, às 10 h., decorrerá a cerimónia da Abertura Solene das Aulas da ESTCH (Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas), no seu Auditório, na Rua da Bandeira.

Retiro para Catequistas: De 6.^a feira, dia 16, à noite, até domingo, dia 18, à tarde, realiza-se no Centro Paulo VI, em Darque, um Retiro para Catequistas, sendo conferente o Sr. Pe. Dr. Alfredo Sousa, Reitor do Seminário Diocesano.

1.º Encontro Mensal de Formação

Cristã: Já está agendado para 23 deste mês, uma sexta-feira, às 21 h., no salão paroquial de Carreço, o 1.º Encontro de Formação Cristã (para Jovens e Adultos). O programa completo destes Encontros mensais, que será publicado em breve, consta de 24 temas, que serão abordados ao longo de 3 anos (8 em cada ano). Embora se realizem em Carreço, estes Encontros serão inter-paroquiais, abertos também às paróquias vizinhas. Inscreva-se!

Ofertório para a nova Igreja: O Ofertório das Missas deste domingo, por ser o 2.º do mês, reverte a favor da construção da nova Igreja e Centro Paroquial. Seja generoso(a)!

Nova Igreja e Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Álvaro de Oliveira Monteiro – 50 €; Ana Rodrigues de Sousa Lima – 20 € (mensal); António Maria Pereira Mota – 20 € (mensal); António Parente da Cunha Matos e esposa – 10 €; Margarida de Jesus Sousa Lima – 30 €; Anónima – 10 € Viúva de António Gonçalves Vieira – 50 €. Bem hajam!

PARÓQUIA VIVA

N.º 342 – 11/11/2007

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



32.º Domingo do Tempo Comum - Ano C



«aqueles que forem dignos de tomar parte na vida futura e na ressurreição dos mortos, nem se casam nem se dão em casamento. ... são como os Anjos ... Não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos.» (Evangelho)

Esta nova estrutura deverá ir ao encontro das «situações difíceis por que passam muitos dos casais cristãos» e do «desejo por eles manifestado» de um espaço de diálogo que os possa «ajudar a resolver as situações de instabilidade matrimonial».

A criação do Gabinete de Atendimento à Família vai de encontro às Propostas do Sínodo de Viana, que apontam como uma missão prioritária da Família, ao jeito de «Igreja doméstica», a transmissão da fé, nas e através das famílias.

D. José Pedreira acaba também de reforçar a equipa do Tribunal Eclesiástico da Diocese com a nomeação, por três anos, do padre Vítor Casanova da Lage Amaro Rodrigues como advogado oficioso.

Reforço da pastoral ligada à formação

Sendo a fundamentação básica da fé e catequese uma opção prioritária da diocese, o Bispo de Viana decidiu «reforçar com meios humanos esta área de pastoral», nomeando o padre Vasco António da Cruz Gonçalves como Vigário Episcopal para a Doutrina da Fé e Catequese.

Reconhecendo a importância da «evangelização através da cultura e ensino», em substituição do anterior Vigário Episcopal, D. José Pedreira nomeou também o padre Alfredo Domingues de Sousa para o cargo de Vigário Episcopal para a Cultura e Ensino.

Diocese de Viana cria estrutura de apoio à família

O Bispo de Viana do Castelo acaba de criar na diocese o Gabinete de Atendimento à Família, tendo nomeado três padres para darem corpo a esta nova estrutura.

Os padres Alfredo Domingues de Sousa, Jorge Manuel Silva Ramos e António Ribeiro Gonçalves Belo são os sacerdotes a quem D. José Pedreira confiou a missão da «elaboração do projecto», bem como de definir os objectivos e formas de actuação desta estrutura diocesana que terá sede na Cúria Diocesana. Estes sacerdotes estão nomeados por um triénio.

No decreto de criação do Gabinete de Atendimento à Família, o Bispo de Viana sublinha o reconhecimento actual dos obstáculos que a actual cultura levanta ao cumprimento da missão da família.

MISSAS

Dia	Hora	Intenções
12	Seg 18,30	José Bastos; Luís Miranda e familiares; João Alberto, José Joaquim, Manuel Alves e Júlia Fernandes; Rui Manuel Pereira da Silva (aniv.) e Eduardo Peres da Silva; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves; Joaquim Filipe Torre Alves de Passos e Maria do Rosário Cirne Maciel
13	Ter 18,30	Ana Magalhães e família; António Matos, esposa e filhos
14	Qua 18,30	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes; Glória Martins Coelho, Amélia de Jesus e José Pedro; Narciso Manuel Morais Santa Marinha; Júlio Gomes Ferreira e Maria de Lurdes Palhares Ferreira
15	Qui 18,30	Manuel Viana, Rosa Vaz e Luzia Vaz; João Gonçalves Fernandes; António do Rego (aniv.)
16	Sex 18,30	Teresa Miranda e Crispim de Jesus Freitas; Luís Gonçalves Vieira
17	Sáb 18,30	Joaquina de Jesus Pereira, Manuel Falcão, Marcelina de Jesus, José Pereira; João Dias Chaves; Manuel Freitas da Silva; Inácio Miranda e família; Joana Negrão e marido; Manuel Mendes; José Castro; Armando Martins Arezes e Ilda Amoroso; Romão Pires Gonçalves; Jeremias Fernandes Gonçalves
18	Dom 10	José Luís Cruzeiro; Alice Pereira de Passos; Arlindo da Guia Silva; José Mota; Ana da Conceição Cruzeiro

32.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: 2 Mac. 7, 1-2.9-14

2.ª leitura: 2 Tess. 2, 16 – 3, 5

Evangelho: Lc. 20, 27-38

- Fé de ressurreição -

Na parte final do ano litúrgico, a liturgia da Palavra aborda sempre temáticas específicas, que no catecismo antigo eram designadas como “novíssimos”. Embora elas só aconteçam de facto no fim da vida, a verdade é que elas não só nos acompanham ao longo da existência, mas podem – e devem – imprimir-lhe o rumo, já que são elas a dar sentido à nossa vida.

E assim acontece hoje, com a abordagem do tema da ressurreição: É por acreditarem nela que os sete irmãos da primeira leitura, um após outro, reafirmam perante a autoridade a sua resolução de permanecerem firmes e fiéis, mesmo que o preço a pagar seja o preço dos seus corpos e das suas vidas, pois “o Rei do universo ressuscitar-nos-á para a vida eterna”.

E não é por outra razão que S. Paulo recomenda aos cristãos da Comunidade de Tessalónica que se “tornem firmes em toda a espécie de boas obras e palavras”: é que o Senhor, pelo dom da fé na ressurreição, concedeu-nos “eterna consolação e feliz esperança”. Por isso, na sua oração em favor dos seus cristãos, pede que seja o Senhor a dirigir-lhes os corações “para que amem a Deus e aguardem a Cristo com perseverança”.

É esta fé que os Saduceus recusam, aferrados que estão aos livros do Pentateuco, onde, à primeira vista não se fala de ressurreição. Por isso, Cristo, partindo do próprio caso extremo que lhe apresentam, nos deixa o seu ensinamento: a vida depois da morte, não é simples prolongamento ou fotocópia desta vida, mas uma vida em plenitude, pois os que dela beneficiam “são filhos da ressurreição, são filhos de Deus”.

E aos seus opositores mostra como, no episódio da sarça ardente, está contida uma referência bem forte ao tema da ressurreição, quando Moisés chama ao Senhor ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob’, concluindo que “não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos”.

Para nós, cristãos, o grande argumento é a própria ressurreição de Cristo, que em cada domingo celebramos e da qual Nossa Senhora já está plenamente beneficiada, pois foi glorificada “no seu corpo e na sua alma”. E, na recitação do Credo, afirmamos: “espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir”.

Mas será que vivemos para a ressurreição? Será que já vamos trilhando caminhos de ressurreição, pautando por ela as nossas atitudes, palavras, valores e comportamentos, ou deixamos isso para o fim da vida, vivendo na prática como se não houvesse ressurreição?

Pe. José de Castro Oliveira

Católicos portugueses são pressionados pelo relativismo

A maioria do Povo português continua a afirmar-se católico embora “reconheçamos que os ventos do relativismo e indiferentismo exercem uma grande pressão, provocando atitudes e opções ambíguas e, em alguns casos, contraditórias. Nem sempre a fé significa uma opção pessoal por Cristo e as tradições ocupam um espaço gerador numa religiosidade que pode não ter consistência” – disse ontem (10 de Novembro) D. Jorge Ortiga, Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), a Bento XVI no encontro que os bispos portugueses tiveram com o Papa.

Em visita «Ad Limina» até ao dia 12 deste mês, os bispos das dioceses portuguesas foram recebidos por Bento XVI e visitaram algumas congregações da Cúria Romana. Em relação à Concordata e à regulamentação de alguns pontos, D. Jorge Ortiga realçou a Bento XVI que “no princípio da separação procuramos intuir caminhos novos de cooperação como serviço ao povo português e na perspectiva do bem comum”. No entanto lamenta: “pequenos grupos, imbuídos dum espírito laicista, têm pretendido suscitar possíveis conflitos”. Apesar destas contingências, D. Jorge Ortiga sublinha que a Igreja Portuguesa pretende “dialogar para que a igualdade de direitos não seja capaz de abafar a proporcionalidade”.

Os bispos portugueses reconhecem a “necessidade dum profunda evangelização dos cristãos, sabemos que devemos partir ao encontro de mundos que progressivamente se afastam, talvez não de Cristo, embora o digam, mas da Igreja”. Em ambiente de celebração dos 90 anos das Aparições de Fátima, o Presidente da CEP salienta que apesar da sociedade caminhar “nas sombras dum hedonismo fácil, dum relativismo moral impressionante, dum desvinculação dos valores, dum desenvolvimento explorador e aproveitador dos mais fracos, dum desigualdade marcante e repleta de contrastes, nunca nos poderemos fechar na defesa do nosso tesouro e fazer condenações a anunciar destruição e catástrofes”.

Por fim, D. Jorge Ortiga disse a Bento XVI que Portugal necessita “dum novo alento à missionariedade – dentro ou fora das comunidades, no país ou no mundo –, como urgência dum legado histórico que nunca podemos esquecer”.

Religião é imprescindível na política do Séc. XXI

A religião é imprescindível para a vida política. Esta é uma das conclusões apresentadas na publicação “The Economist”. Num dossier dedicado às relações entre religião e política, sobretudo depois do 11 de Setembro de 2001, a fé voltou ao centro do debate público.

Num relatório feito pelo director da revista, John Micklethwait, a religião é abordada como uma “questão mais democrática e social”, indica. “Foram os cidadãos, e não os Estados, que promoveram essa volta da religião ao centro da vida pública e nas sociedades onde a tolerância e a laicidade são consideradas como “valores adquiridos”.

Foi sobretudo o mundo Ocidental a subestimar a presença do religioso na sociedade. A crise das ideologias, na década de 70, e a quebra de confiança na capacidade dos governos, acabou por abrir espaço à religião. O director da revista acrescenta que a “religião é parte imprescindível da política”.

“The Economist” avança que há um quadro de “pluralismo” e que “tanto os fiéis quanto os ateus mais entusiastas vivem uma fase de prosperidade”. Mas pode esperar-se, “nas sociedades desenvolvidas, um aumento de contrastes entre as várias confissões, assim como entre os que crêem e os que não crêem, especialmente no que diz respeito a questões éticas e científicas”.

A revista britânica sugere aos políticos que se deparam com os problemas de uma sociedade multi-religiosa, que “mantenham sólido o princípio da divisão entre Igreja e Estado, aplicando essa divisão, porém, de maneira pragmática”.